

APRESENTAÇÃO

Presentation

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos. Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.
(Oswald de Andrade, *Manifesto antropofágico*, 1928)

Não mais por pretendida edificação moral, nem por citações estéreis de exemplos históricos, chegam a nós os clássicos greco-romanos hoje. A deglutição da tradição, segundo o édito oswaldiano, encontra-se em pleno exercício na tradução da Antiguidade, como fica patente nos textos que compõem este dossiê.

Em resposta à monumentalidade das obras clássicas, o tradutor brasileiro procura uma voz própria para expressar não a solenidade vã, mas a arte no trato com a palavra que imortalizou tanto gregos quanto troianos e que merece ser repensada e retraduzida com os olhos do presente. Todos os textos deste dossiê abordam a tradução de poesia clássica de um modo ativo. Todos oferecem não apenas reflexões tradutórias, mas exercícios práticos de tradução. Desse modo, os tradutores desafiam os poetas clássicos em uma atitude inquieta e anticontemplativa, não fruto da arrogância dos novos, mas motivados pelo pensamento pós-estruturalista de que o texto poético é um construto humano, por isso, humanamente retorquível.

Os artigos deste dossiê têm também em comum a importância atribuída à história da tradução. O tradutor contemporâneo, diante da consciência de que, quase sempre, está diante de um texto já traduzido muitas vezes e de diferentes modos, encontra lugar sem medo de nomear sua tradição ou seus antecessores. Seja perseguindo esquemas poéticos já consolidados em nosso idioma, seja nas propostas de novas configurações métricas, estão sob análise traslados de Elpino Duriense, Filinto Elísio, Garrett, Cardoso de Menezes, Odorico Mendes, Barão de Paranapiacaba, Carlos Alberto Nunes e Fernando Pessoa. Assim, revisitar experiências e soluções de outrora constitui-se matéria prima na busca de uma dicção própria que satisfaça singulares abordagens interpretativas ou estéticas.

Não apenas tradução e tradição, mas recepção passa a ser conceito-chave para a abordagem crítica da noção de tradição em si mesma. Capítulos na história da recepção dos clássicos, as traduções em análise e as traduções

propostas engrossam os palimpsestos que criam, performam, o fluxo translúcido da própria literatura, como respostas, recepções em português que se colocam lado a lado com os originais para contestar seu próprio estatuto de original perene, objetivo, imutável. Cada nova visada de recepção via tradução altera definitivamente o próprio texto. Este dossiê apresenta-se, então, como um capítulo na história recente dos estudos de recepção dos clássicos, iconoclasta, tradicional, revolucionária, inevitável, paradoxal.

Raimundo Carvalho, no ensaio que abre este Dossiê quase em forma de manifesto, explora de modo sensível as relações nem sempre lineares entre o tradutor e a tradição de poesia em tradução. Destacando o estatuto poético do exercício tradutório, Carvalho redimensiona a metáfora infernal usada por Meschonnic e constrói uma reflexão segundo a qual a tradução poética seria comparável a uma catábase, uma descida ao submundo pagão. Como Eneias, o tradutor visita e retorna do mundo dos mortos, onde encontra não só seu texto de partida (a *Eneida*), mas também a sua tradição tradutória, neste caso representada pela *Eneida Brasileira* de Odorico Mendes. Sob o transe dessa viagem, Carvalho oferece a sua visão/versão dodecassilábica de excertos do canto VI da *Eneida*, declarando ao leitor seu itinerário de imitação e recriação do texto latino.

A presença inspiradora de Odorico Mendes em nossa tradição de recepção dos clássicos, faz-se sentir também no artigo de Paulo Sérgio de Vasconcellos que nos apresenta um exame da obra tradutória de Odorico Mendes, especificamente de Virgílio. Após uma breve apresentação do tradutor, Vasconcellos aborda questões específicas das traduções virgilianas, tais como as aproximações com a cultura brasileira, o diálogo com a tradição épica brasileira em particular, além de questões estilísticas e especialmente poéticas, chamando atenção para a autoconsciência tradutório-literária de Odorico Mendes.

Procurando refletir sobre o caráter produtivo da história da tradução em contemporâneos exercícios tradutórios, Brunno V. G. Vieira serve-se do pensamento de Haroldo de Campos e de Antoine Berman para fundamentar seu percurso interpretativo e tradutório do texto de Lucano em português. Interessa-lhe destacar como cada tradutor particular vai reelaborando e recriando potencialidades poéticas do texto latino, de modo que o mais recente tradutor tem à sua frente um palimpsesto rico e instigante por recodificar.

Os seis restantes artigos deste dossiê historicam e ensaiam uma guinada contemporânea na transposição da métrica clássica em vernáculo, ao proporem alternativas rítmicas para a tradução da poesia antiga.

No artigo “Polimetria latina em Português”, de Guilherme Gontijo Flores e Rodrigo Tadeu Gonçalves, é abordada a transposição da variação métrica de Plauto, Terêncio e Horácio em português. Uma vez constatado que

a polimetria encontrada nos versos desses autores produz sentido, já que sua escolha promove alterações significativas na elocução dos temas tratados a partir da estruturação funcional do teatro e da poesia lírica latinos, os autores fazem um histórico de soluções possíveis para o problema encontradas por tradutores do séc. XIX. Depois de oferecerem uma interpretação dessas tentativas, apresentam-se propostas contemporâneas para a tradução desse importante expediente formal da poesia latina, com vistas a “abrir portas” para novos experimentos métricos em vernáculo.

Uma importante contribuição para a história dos procedimentos de transposição da métrica clássica em Português encontra-se no artigo de Érico Nogueira. Ao traçar uma pormenorizada análise dos excertos pessoanos do envelope 122 transcrito por Fernando Lemos, Nogueira esclarece o paradigmático método de emulação dos metros antigos levado a cabo por Pessoa e, assim, oferece à tradição de tradução poética lusófona, pela autoridade de um dos maiores poetas do idioma, uma forma moderna para verter a métrica clássica, antes pouco (ou nada) conhecida.

Na sequência, com “O hexâmetro dactílico de Carlos Alberto Nunes: teoria e repercussões”, João Angelo Oliva Neto reflete sobre a trajetória dos versos hexamétricos em língua portuguesa, passando pelos experimentos de José Anastácio da Cunha, Vicente Pedro Nolasco da Cunha, José Maria da Costa e Silva, Júlio de Castilho, Carlos Magalhães de Azeredo e Fernando Pessoa, mas concentrando-se na apresentação dos hexâmetros do multitrador brasileiro Carlos Alberto Nunes, especialmente em sua “teoria hexamétrica”, bem como na sua parca recepção crítica, que o artigo contribui em ajudar a sanar.

Marcelo Tápia, em seu “Questões de equivalência métrica em tradução de poesia antiga” discute diversas questões teóricas envolvidas nas tentativas de reproduzir equivalências rítmicas greco-romanas em português, especialmente quanto às especificidades do processo, haja vista que os sistemas prosódicos das línguas clássicas diferem do nosso, e apresenta seu próprio projeto tradutório do hexâmetro datílico homérico para o português.

Fechando o presente Dossiê, encontra-se o artigo “Abordagens de tradução poética para Safo Fr. 31”, de Leonardo Antunes. Diante de um dos poemas mais influentes da Antiguidade clássica, o autor apresenta uma pormenorizada análise métrica do texto de partida para o qual atribui um ensaio de notação musical que serve de base para sua própria recriação rítmica do poema. Além desse ensaio de transposição métrica, o leitor encontrará também uma miríade de traduções da ode sáfica a cargo de célebres nomes da literatura ocidental.

Integrando o dossiê de maneira honorária, o tradutor norte-americano de Homero Rodney Merrill nos brinda com uma análise ao mesmo

tempo hermenêutica e filológica, de Horácio e Virgílio, em “The Education of a Prince: Vatic Satire in Horace’s Epode 16 and Virgil’s Eclogue 4”. Ao final do artigo, apresentam-se traduções rítmicas dos dois poemas analisados. Embora não pertença ao tema principal do dossiê, seu artigo figura entre os outros como homenagem a um dos grandes tradutores vivos de literatura antiga a empregar modos rítmicos de equivalência com os modelos greco-romanos.

A partir da leitura desses textos, o leitor conhecerá algo dos métodos e práticas mais atuais na deglutição brasileira da poesia greco-romana. Paralelamente à tradução vernácula seguindo os esquemas métricos mais tradicionais, há uma vibrante vertente que, incorporando modulações rítmicas as mais variadas e, porque não dizê-lo, as mais livres, propõe interessantes caminhos para futuras traduções. O desenvolvimento dessas ideias em novos exercícios tradutórios é algo que os apreciadores dos clássicos em português não perdem por esperar.

Curitiba, junho de 2013.

Rodrigo Tadeu Gonçalves
Brunno V. G. Vieira